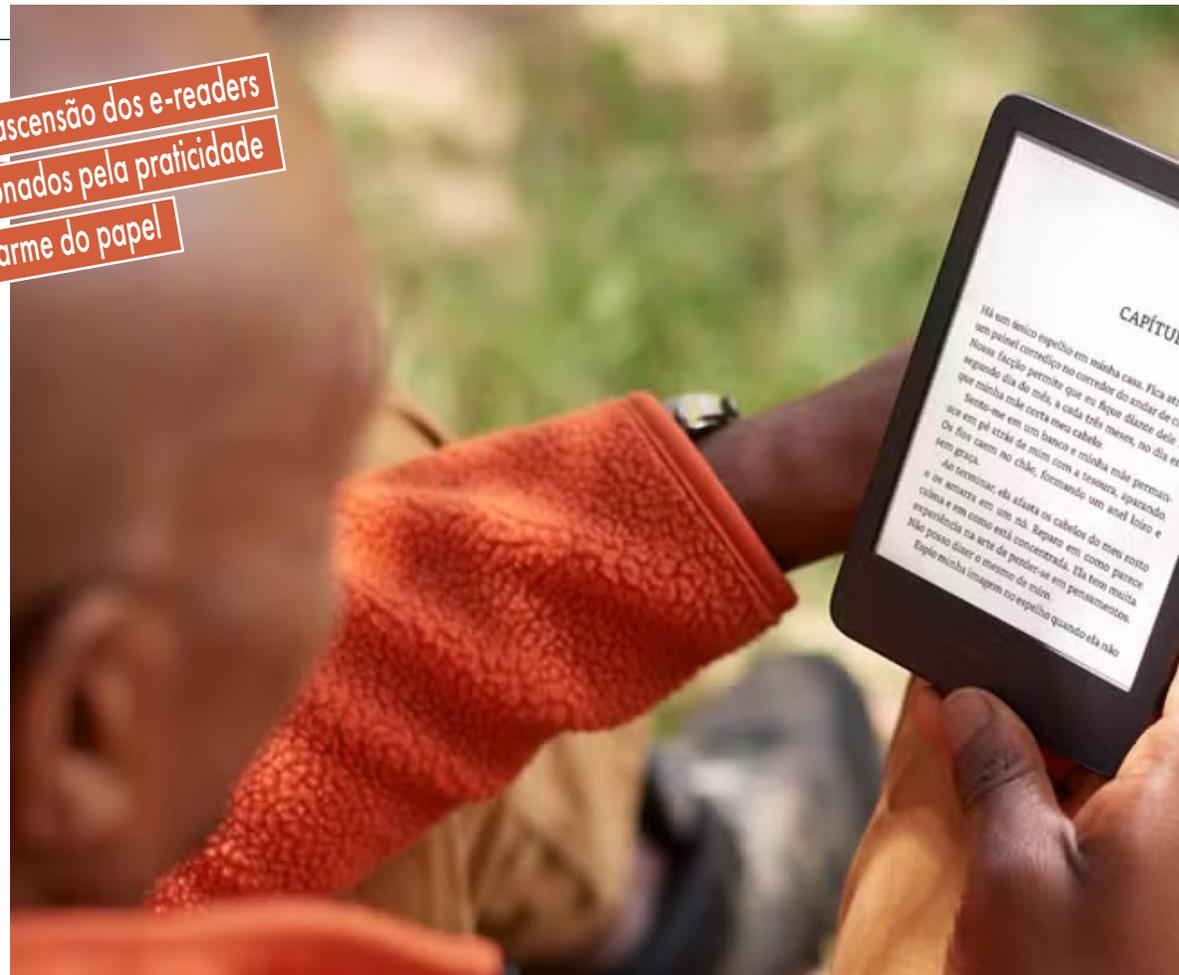


Comportamento

O dilema entre a tradição do livro impresso e a ascensão dos e-readers redefine os hábitos de leitura no Brasil, impulsionados pela praticidade dos dispositivos digitais, mas sem apagar o charme do papel

Papel ou tela?



POR GIOVANNA RODRIGUES*

Um fenômeno silencioso, mas poderoso, tem transformado os hábitos de leitura dos brasileiros. Um número crescente de leitores migra para o conforto e a praticidade dos dispositivos digitais, impulsionados, em grande parte, pelo custo mais elevado dos livros físicos. Nesse cenário, os e-books emergem como um protagonista incontestável, redefinindo o que significa ter uma biblioteca ao alcance das mãos.

De acordo com o sexto levantamento *Retratos da Leitura no Brasil*, divulgado no fim do ano passado, o brasileiro está lendo menos — 53% dos entrevistados não leram nem mesmo parte de uma obra nos três meses anteriores à pesquisa. Nesse cenário, os estudantes formam a maioria dos leitores (77%) e o público entre 11 e 13 foi o único, ao lado dos 70 anos ou mais, em que não houve queda nos índices de leitura.

A edição deste ano da Bienal do Livro do Rio de Janeiro refletiu um pouco essa realidade: o público recorde foi majoritariamente jovem. E trouxe outro aspecto positivo: aumento de 23% nas vendas, em relação a 2023, data da última edição, provavelmente motivado por preços mais em conta. Livros que no dia a dia custam entre R\$ 50 a R\$ 70 são ofertados, no evento, por menos de R\$ 30.

Mas por que os livros são tão caros? Em termos econômicos, o custo de produção de uma obra física pode variar bastante. Diversos fatores são levados em conta na soma final, como diagramação, revisão, design, impressão, distribuição e até o tamanho do livro.

Para quem lê regularmente, pode pesar bastante no bolso. Diante disso, optar por um livro físico parece a opção menos viável, e a ascensão dos aparelhos de leitura digital, os chamados e-readers, ganham espaço.

E-books

O leitor digital mais famoso e utilizado atualmente é o Kindle, criado pela Amazon em 2007. Na época em que foi lançado, o mundo vivia a expansão da internet banda larga e os livros digitais começaram a se popularizar. O economista e sociólogo César Berço, professor de mercado financeiro na Universidade de Brasília (UnB), explica que a decisão de muitos leitores em migrar para o mundo digital se deve, especialmente, em razão da economia e da praticidade. “O modo de transporte do livro digital, o avanço da tecnologia digital e da cibernética geraram uma concorrência quase desleal com o livro físico”, detalha.

O Kindle se assemelha a um tablet um pouco menor, com uma tela eletrônica com tecnologia e-ink, que simula a aparência do papel impresso e reage à luz, possibilitando ler confortavelmente, mesmo sob a luz do Sol ou no escuro. Além disso, o dispositivo permite que os usuários comprem livros digitais, ajustem o tamanho da fonte, a intensidade da luz, marquem páginas e texto e até façam anotações.

Mas a experiência de leitura é individual e há quem não troque o livro físico por nada, mas também existem aqueles que gostam de variar, apesar

das diferenças, livros digitais e físicos têm suas particularidades e vantagens.

A psicóloga Júlia Teixeira, 26 anos, comprou o e-book na época da pandemia e o usa regularmente até hoje. Ela diz que um dos fatores que mais a motivou a optar pelo aparelho foi a facilidade para ler à noite, deitada, com as luzes apagadas, sem agredir a visão. Outro fator decisivo foi o espaço reduzido em casa para armazenar os livros físicos. “Na época, eu estava na faculdade e comprava muitos livros, tanto para lazer quanto para estudo, e o espaço que tinha já não estava sendo suficiente”, diz.

Apesar disso, a psicóloga diz que ainda prefere os livros físicos para estudar e trabalhar, pela questão visual de marcações e anotações estarem mais visíveis. “Eu gosto de escrever, de marcar, colocar post-it, passar o caneta, colocar aqueles marca-páginas. Para deixar bem em evidência o que eu estou estudando, o que eu preciso”, detalha.

Seu hábito de leitura também mudou. Júlia diz que, ao ler livros físicos, sente-se um pouco ansiosa com o ritmo de leitura, por ser visível o quanto ainda falta para ler. “No e-book, apesar de mostrar a porcentagem, às vezes, a página que eu estou lendo não tem essa imagem visual clara e definida da quantidade de folhas que me restam, o que diminui essa ansiedade.”

Já a estudante de arquitetura Júlia Cardoso, 21 anos, foi influenciada por causa da facilidade de transporte. Ela conta que consegue ler mais com o e-book por poder levá-lo para qualquer lugar, como transporte público, viagens e até sala de espera de consultas, e mal percebe o quanto leu, parecendo terminar os